

A FILOSOFIA DOS MITOS INDÍGENAS - MITOLOGIAS E CULTURA NA AMÉRICA LATINA

Mirian de Abreu Cotta

Aluna do Curso de Filosofia da UFJF.

mirian.cotta@ufjf.edu.br

1. Introdução:

Para falarmos de mito, primeiro faremos um retrocesso na história, para situarmos em como surgiu o mito.

No final do século VII e início do VI a.C., na colônias gregas da Ásia Menor, na cidade de Mileto, nasce a Filosofia com seu primeiro filósofo, Tales de Mileto. Possuidora de local, data e primeiro autor, a Filosofia é vista como uma cosmologia, (*cosmo* - mundo ordenado e organizado e *logia* - pensamento racional, conhecimento), ou seja, é possuidora de um conteúdo preciso; assim, a Filosofia nasce como conhecimento racional da origem do mundo ou da Natureza.

Em toda essa segurança de dados surge o problema de saber se a filosofia nasceu por si ou dependeu de contribuições da sabedoria oriental e da sabedoria de civilizações que antecederam à grega e, percebemos que a filosofia tem dívidas com as sabedorias orientais. Homero e Hesíodo, poetas da cultura grega antiga, encontraram nos mitos e religiões dos povos orientais, elementos para elaborar a mitologia grega.

De fato, os gregos imprimiram mudanças de qualidade profundas e dessas qualidades, cabe ressaltar aqui, a que se refere aos mitos. Ao compararmos mitos orientais, cretenses, micênicos e os que aparecem nos poetas Homero e Hesíodo, vemos que eles retiraram os aspectos apavorantes e monstruosos dos deuses do início do mundo; humanizaram os deuses; deram racionalidade a narrativas sobre a origem das coisas, dos homens, das instituições humanas como o trabalho, leis, moral.

Podemos apontar aqui três diferenças importantes entre Filosofia e Mito, a saber:

- a) Mito – narra as coisas como eram ou tinham sido no passado, voltando-se para o que era antes que tudo existisse tal como existe no presente;
Filosofia – explica como e porque as coisas são como são na totalidade do tempo (passado, presente e futuro);
- b) Mito – narra a origem através de genealogias e rivalidades ou alianças entre forças divinas sobrenaturais e personalizadas. Fala em Urano, Ponto, Gaia, astros, plantas, homens, animais;
Filosofia – explica a produção natural das coisas. Fala em céu, mar, terra e surgimento desses seres por composição, combinação e separação dos quatro elementos, úmido, seco, quente e frio ou água, terra, fogo e ar;
- c) Mito – não se importa com contradições;
Filosofia – não admite contradições.

2. O que é o Mito? Quem o narra?

Mito vem do grego *mythos* derivado de dois verbos *mytheyo* (contar, narrar) e do verbo *mytheo* (conversar, designar, nomear). Para os gregos é um discurso pronunciado para ouvintes que recebem a narrativa como verdadeira, uma vez que confiam no narrador. Na tentativa de conceituar o *mito*, é necessário esclarecer que o mesmo não tem aqui a conotação usual de fábula, lenda, invenção, ficção, mas a acepção que lhe atribuíam e ainda atribuem as sociedades arcaicas, as impropriamente denominadas culturas primitivas, onde mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais. Em outros termos, mito, é o relato de uma história verdadeira, a narrativa sobre a origem de alguma coisa (astro, Terra, homens, planta, animais, fogo, vento, bem, mal, saúde, doença, morte, instrumento de trabalho, raça, guerra, poder, etc.) ocorrida nos tempos dos princípios. Mito é, pois, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser. Podemos defini-lo também como uma explicação do atual por um acontecimento primordial que está sempre presente; seria uma ligação, um elo entre o atual e o primordial.

Segundo Mircea Eliade, a tentativa de definir mito é a seguinte, “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares, conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos, conta graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, quer seja uma realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, é sempre portanto, uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir...” ; “o mito é considerado como uma história sagrada, e portanto uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades”.

O narrador é chamado poeta-rapsodo. Acredita-se que é escolhido dos deuses que lhe mostram os acontecimentos passados e permitem que ele veja a origem de todos os seres e de todas as coisas para que possa assim, transmiti-la. Sua palavra – o mito – é sagrada uma vez que vem de uma revelação divina, sendo portanto, inquestionável e incontestável.

Por ser o mito esse liame entre o presente e o passado, atual e primordial, e por se acreditar que seu narrador é um escolhido dos deuses, ele tem uma extensão mágica, produz resultados, deixando de ser apenas uma simples narrativa de repetição e tornando-se uma ação eficaz.

Existem três maneiras principais de como o mito narra a origem do mundo e de tudo o que nele existe. Uma delas é encontrando pai e mãe das coisas e seres, ou seja, as relações sexuais entre as forças divinas pessoais derivam tudo o que existe, gerando até mesmo os demais deuses, os titãs, os heróis, os humanos, os metais, as plantas, os animais, as qualidades, etc. Assim, a narração da origem é uma genealogia, ou seja, uma narrativa da geração dos seres, das coisas, das qualidades, por outros seres que são seus pais ou antepassados. Aqui podemos citar como exemplo a narrativa mítica da origem do amor, o nascimento do deus Eros (Cupido). Em uma grande festa entre os deuses, só não foi convidada Penúria, sempre miserável e faminta. Ao término da festa, Penúria chegou, comeu os restos e dormiu com o deus Poros, astuto e engenhoso. Dessa relação nasceu Eros que, como sua mãe, está sempre faminto, sedento e miserável, mas, como seu pai tem mil astúcias para satisfazer o ser amado. Quando Eros acerta alguém com sua flecha, esse alguém se apaixona, ficando ora maltrapilho e semimorto, ora rico e cheio de vida.

A segunda maneira é encontrando uma aliança ou uma rivalidade entre os deuses, o que faz surgir alguma coisa no mundo. É narrada assim uma guerra entre as forças divinas ou mesmo uma aliança entre elas, com a finalidade de provocar algo ou alguma coisa no mundo dos homens. A guerra de Tróia é explicada por Homero, pelo fato de que em certas batalhas os troianos eram vitoriosos e em outras cabia aos gregos a vitória, uma vez que os deuses estavam divididos, alguns a favor de um lado e outros a favor de outro lado. Foi, aliás, a rivalidade entre as deusas que se ofereceram a Paris, príncipe troiano. Ele optou pela deusa do amor, Afrodite e as outras enciumadas, o fizeram raptar Helena, esposa do general grego Menelau, dando origem a guerra dos homens.

Finalmente, a terceira maneira seria encontrando recompensas ou castigos que os deuses dão a quem os obedece ou não. Um exemplo que podemos colocar aqui é o do fogo. Prometeu, um titã mais amigo dos homens que dos deuses, roubou uma centelha de fogo e a trouxe de presente para os humanos. Como castigo foi amarrado num rochedo para que seu fígado fosse devorado eternamente pelas aves de rapina. Mas, não só Prometeu foi castigado, mas também os homens. Pandora, uma mulher encantadora, foi enviada pelos deuses aos homens com uma caixa que conteria coisas maravilhosas, que nunca deveria ser aberta. Pandora, cheia de curiosidade e querendo dar aos humanos as maravilhas, abriu a caixa de onde saíram

todas as desgraças, doenças, pestes, guerras, e até mesmo a morte. Assim também se explica a origem dos males no mundo.

O mito é então um modelo, um ponto de referencia de toda atividade e de toda a eficácia, narrando a origem das coisas por meio de lutas, alianças e relações sexuais entre forças sobrenaturais que governam o mundo e o destino dos homens.

Como os mitos sobre a origem do mundo são genealogias, diz-se que são cosmogonias e teogonias. *Gonia* vem de duas palavras gregas: *gennao*(verbo) – engendrar, gerar, fazer, nascer; *genos*(substantivo) – nascimento, gênese, descendência, gênero; portanto *gonia* quer dizer geração, nascimento a partir da concepção sexual e do parto. Como sabemos, cosmo é mundo ordenado e organizado, então cosmogonia é a narrativa sobre o nascimento e a organização do mundo, a partir de forças geradoras divinas. Teogonia é uma palavra composta de duas palavras, *gonia* e *theos*, que em grego significa coisas divinas, deuses; portanto a teogonia é a narrativa da origem dos deuses.

Existe uma diferença entre pensamento cosmogônico e cosmológico. O primeiro, como já vimos narra a origem da natureza através de genealogias divinas e o segundo, explica a origem da natureza pela existência de alguns elementos naturais (terra-seco, água-úmido, ar-frio e fogo-quente).

Segundo Claude Lévi-Strauss, o mito não é lenda nem fabulação e sim, uma organização da realidade a partir da experiência sensível enquanto tal. Ainda segundo ele, o pensamento mítico reúne experiências, narrativas, relatos, até compor um mito geral. A partir dessa heterogenicidade, produz a explicação sobre a origem e forma das coisas, funções e finalidades, os poderes divinos sobre a natureza e os seres humanos.

A narração mitológica envolve basicamente acontecimentos supostos, relativos a épocas primordiais, ocorridos antes do surgimento dos homens. O verdadeiro objeto do mito, contudo, não são os deuses nem os ancestrais, mas a apresentação de um conjunto de ocorrências fabulosas com que se procura dar sentido ao mundo. O mito aparece e funciona como mediação simbólica entre o sagrado e o profano, condição necessária à ordem do mundo e às relações entre os seres. As semelhanças com a religião mostram que o mito se refere, ao menos em seus níveis mais profundos, a temas e interesses que transcendem a experiência imediata, o senso comum e a razão: Deus, a origem, o bem e o mal, o comportamento ético e a escatologia (destino último do mundo e da humanidade). Crê-se no mito, sem necessidade ou possibilidade de demonstração.

Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável, ele exprime, exalta e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é, absolutamente, uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática.

O mito se apresenta sob três características ou funções, sendo a primeira explicativa onde “o presente é explicado por alguma ação passada, cujos efeitos permaneceram no tempo”; exemplificando a existência de uma constelação que existe porque no passado, crianças fugitivas e famintas morreram na floresta e foram levadas ao céu por uma deusa que as transformou em estrelas, ou ainda o exemplo de se referir as chuvas como lágrimas de tristeza que uniu indiretamente uma deusa e um humano, etc.

A segunda característica é organizativa. O mito organiza as relações sociais como parentesco, aliança, troca, poder, para assim legitimar e garantir a permanência de um sistema complexo de proibições e permissões. Um exemplo que podemos usar aqui é o mito de Édipo cuja função é de proibição do incesto.

Por fim temos a característica compensatória; o mito narra uma situação passada, que é a negação do presente e serve para compensar os humanos de alguma perda. Lembremo-nos do mito do fogo, já mencionado; Prometeu rouba o fogo do Olimpo para entregá-lo aos mortais ocasionando ganhos e castigos.

Podemos dizer que o mito decifra o secreto.

O pensamento mítico, diz Lévi-Strauss após analisar grande quantidade de mitos, é sensível e concreto, imagens são coisas e as palavras dão existência ou morte às coisas. O símbolo mítico tem como peculiaridade o fato de ele encarnar aquilo que ele simboliza; assim, na simbologia mítica o fogo não representa algo, ele é a própria coisa simbolizada, ou seja, o fogo pode ser amor, deus, guerra, conhecimento, pureza, etc.

O mito é uma maneira de exercitar o pensamento e de expressar idéias, e o que eles dizem, é importante não só para quem pertence aos grupos de onde surgem, mas também para quem tem interesse em conhecer o íntimo do ser humano. Os mitos têm um jeito de ser que ordena as idéias e as imagens, que constituem um discurso, e contam da vida e do pensamento daquelas sociedades das quais se originaram.

Lévi-Strauss ao referir-se á composição de um mito e o pensamento que o produz, fez uma comparação ao inventor, chamado pelos franceses de bricoleur, que, para criar um produto novo, junta uma porção de pecinhas de objetos diferentes. Todas elas, ao passarem pelo processo, continuam com a mesma aparência, mas ganham um sentido novo, porque são articuladas, de modo diverso, a outros elementos. Assim se opera o pensamento mítico, que busca narrativas, experiências, relatos, até chegar à composição do mito, criando as explicações para os mais diversos assuntos, sejam eles sobre fatos da natureza ou sobre humanos.

3. Tipos de Mitos

Como já dito anteriormente, quando nos referimos à organização primeira do Universo, chamamos de *mitos cosmogônicos*, que se apresentam como resposta a interrogação que o homem permanece incapaz de responder, sobre a origem da humanidade e do mundo que habita. Ao falarmos do início de um costume, de uma instituição, aí então o denominamos de *mitos de origem*; eles completam e até prolongam o mito cosmogônico e quase sempre são iniciados com uma descrição da cosmogonia.

O mito cosmogônico é verdadeiro porque a existência do mundo está aí para o provar, o mito da origem da morte é também verdadeiro porque a mortalidade do homem prova-o, e pelo fato de o mito relatar manifestações dos seus poderes sagrados dos seres sobrenaturais, ele torna-se o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas.

Analisando os mitos cosmogônicos encontramos neles uma semelhança estrutural, é comum encontrar nas várias mitologias a figura de um criador, um demiurgo que, por ato próprio e autônomo, estabeleceu ou fundou o mundo em sua forma atual. Os mitos desse tipo costumam mencionar uma matéria preexistente a toda a criação e são triádicos, ou seja, de um ponto de partida unitário e original, surgem dois outros princípios contrapostos entre si, sendo um ativo (masculino) e outro passivo (feminino).

Essa forma tríade pode ser encontrada em várias culturas. Referindo-se às culturas indígenas verificamos que tudo provém de PURUSHA – homem cósmico - de onde emergem o céu e a terra (tradição Vedas); em outra tradição também indígena, a dos Brâmanes, tudo decorre das ÁGUAS PRIMORDIAIS de onde surge o Ovo Cósmico e Prajápati e, dos dois, o mundo é feito. Nos Upanishads, RAJAS é o elemento ativo e origem de tudo, e, SATIVA e TAMAS, elemento luminoso e escuro, reciprocamente, formam o cosmo.

A cosmogonia chinesa, por exemplo, atribui a origem de todas as coisas a Pan Gu, que produziu as duas forças ou princípios universais do YANG (princípio masculino) e YIN (princípio feminino) e, cujas combinações formam todos os elementos.

Nos gregos o princípio ativo é o Caos de onde surgem o Céu (Uranos) e a Terra (Gaia), de onde provém o cosmo e depois o homem.

A água é o elemento primordial mais freqüente das cosmogonias. A consolidação da terra faz-se pela ação de um intermédio (espírito ou animal) que a retira do fundo da água e introduz no mundo.

A criação a partir do nada, aparece unicamente pela palavra de deus fato que aparece claramente no livro do Gênesis, que significa nascimento, origem. Notamos

aqui a narrativa cosmogônica, com o surgimento da luz, das trevas, separação das águas, do firmamento, da terra, plantas, seres vivos (animais e plantas) e o homem à sua imagem e semelhança (Cf. Gn 1,1-31); encontramos também uma narrativa de origem, no relato dos patriarcas, raízes do povo, onde Abraão está diretamente ligado a toda humanidade (Cf. Gn 12,1-20).

Podemos aqui fazer uma breve comparação entre Mito e religião, sociedade e psicologia.

Alguns especialistas, como Mircea Eliade, estudioso de história comparada das religiões, atribuem importância especial ao contexto religioso dos mitos, onde são muito frequentes os que versam sobre a origem dos deuses e do mundo, dos homens, de determinados ritos religiosos, de preceitos morais, tabus, pecados e redenção. O mito, portanto, é uma linguagem apropriada para a religião, o que não significa que a religião, tampouco o mito, conte uma história falsa, mas que ambos traduzem uma realidade que transcende o senso comum e a racionalidade humana e que, portanto, não cabe em meros conceitos analíticos. Religião e mito diferem, não quanto à verdade ou falsidade daquilo que narram, e sim quanto ao tipo de mensagem que transmitem.

No que se refere à sociedade como forma de comunicação humana, o mito está obviamente relacionado com questões de linguagem e também da vida social do homem, uma vez que a narração dos mitos é própria de uma comunidade e de uma tradição comum; mas não se conseguiu definir, no entanto, a natureza precisa dessas relações. Algumas concepções mitológicas podem exemplificar a complexidade e a variedade das relações entre mito e sociedade.

Na comparação do mito com a psicologia, Freud deu nova orientação à interpretação dos mitos e às explicações sobre sua origem e função. Mais que uma recordação ancestral de situações históricas e culturais, ou uma elaboração fantasiosa sobre fatos reais, os mitos seriam, segundo a nova perspectiva proposta, uma expressão simbólica dos sentimentos e atitudes inconscientes de um povo, de forma perfeitamente análoga ao que são os sonhos na vida do indivíduo. Não foi por outra razão que Freud recorreu ao mito grego para dar nome ao complexo de Édipo. Para Carl Gustav Jung, discípulo de Freud e seu colaborador por muitos anos, os mitos seriam uma das manifestações dos arquétipos ou modelos que surgem do inconsciente coletivo da humanidade e que constituem a base da psique humana.

4. A valorização das narrativas mitológicas.

Em “Mito e Significado”, Claude Lévi-Strauss afirma estar bem informado sobre a metodologia científica e as últimas descobertas da ciência e, portanto, diz ter a sensação de que a ciência moderna, na sua evolução, não se afastou destas matérias perdidas, pelo contrário, tenta cada vez mais reintegrá-las no campo da explicação científica. Assim, tenho a impressão de que a ciência contemporânea está no

caminho para superar este fosso e que os dados dos sentidos estão sendo cada vez mais reintegrados na explicação científica como uma coisa que tem um significado, que tem uma verdade e que pode ser explicada.

Para ele, o pensamento científico e o mitológico, se tiveram algum confronto, isto se deveu ao ímpeto inicial dos homens de ciência em pôr ênfase em seu método e a qualificar o outro como pensamento “primitivo” ou “inferior”. Trata-se de uma questão datada que, embora ainda hoje encontre alguma ressonância, já há muito deixou de ser a visão predominante graças ao avanço das ciências exatas e das humanas. Por isso, diz Lévi-Strauss,

...creio que há certas coisas que perdemos e que devíamos fazer um esforço para as conquistar de novo, porque não estou seguro de que, no tipo de mundo em que vivemos e com o tipo de pensamento científico a que estamos sujeitos, possamos reconquistar tais coisas como se nunca as tivéssemos perdido; mas podemos tentar tornar-nos conscientes da sua existência e da sua importância.

Nas palavras de Mircéia, durante “...milênios, o homem trabalhou ritualmente e pensou míticamente nas analogias entre o macrocosmo e o microcosmo. Era uma das possibilidades de se “abrir” para o Mundo e de participar assim da sacralidade do Cosmo. Desde a Renascença, quando se provou que o Universo era infinito, essa dimensão cósmica que o homem acrescentava à sua existência nos é negada. Seria normal que o homem moderno, caído sob o domínio do Tempo e obsedado por sua própria historicidade, procura-se “abrir-se” para o Mundo, adquirindo uma nova dimensão nas profundezas temporais.”

Enquanto a ciência racionalista e positivista do século XIX desprezava a mitologia, a magia, o animismo e os rituais fetichistas em geral, Lévi-Strauss entendeu-as como recursos de uma narrativa da história tribal, como expressões legítimas de manifestações de desejos e projeções ocultas, todas elas merecedoras de serem admitidas no papel de matéria-prima antropológica. Como é o caso do seus estudos sobre o mito, por exemplo no que se refere ao nascimento ou morte de um herói, sua estrutura sobe e desce num eixo sincrônico, num tempo que é reversível. Se bem que eles, os mitos, nada revelavam sobre a ordem do mundo, serviam muito mais para entender-se o funcionamento da cultura que o gerou e perpetuou. Seu objetivo era provar que a estrutura dos mitos era idêntica em qualquer canto da Terra, confirmando assim que a estrutura mental da humanidade é a mesma, independentemente da raça, clima ou religião adotada ou praticada. Contrapondo o mito à história ele separou as sociedades humanas em “frias” (**primitivas**) aquelas que se encontram “fora da história”, e “quentes” (**civilizadas**) que movem-se dentro da história, com ênfase no progresso.

Afirma ainda Lévi-Strauss que, num mundo ameaçado pela monotonia e uniformidade, existe a necessidade de olhar com respeito para a diversidade das outras sociedades, que escolheram como uma das formas de expressão os mitos.

5. Mitos Brasileiros

Índio Baré do Alto Rio Negro



Poronominaré é um mito Baré, um grupo indígena de origem Aruak, que habita a região Noroeste do Brasil, próximo de São Gabriel da Cachoeira, entre Brasil e Colômbia. Considera-se que eles somam aproximadamente 1500 no Brasil. O nome Baré deriva de bári, “branco”, um termo que servia para diferenciar os brancos dos negros. Os Baré englobariam vários grupos indígenas citados nas fontes históricas como os Mandahuaca, Manaca, Baria, Cunipusana e Pasimonare, não considerados propriamente povos diferentes, mas “clãs exogâmicos separados de um tronco comum há aproximadamente 150-120 anos”.

No momento da conquista os Baré ocupavam um território de mais de 165 mil km², incluindo o curso médio e superior do rio Negro, a região do canal Cassiquiare e o rio Mavaca. Os Baré foram um dos primeiros grupos indígenas do rio Negro afetados pelo contato. Desde 1669, viviam na Fortaleza São José do Rio Negro (atual Manaus), forte militar que servia de base para as incursões na região do rio Negro, em busca de escravos.

Ao longo dos séculos foram submetidos ao trabalho servil. Sua língua vernacular foi gradativamente substituída pela língua geral e o português, assim como suas crenças, costumes e tradições foram adaptadas, aos poucos, ao modelo português.

Até recentemente, eram considerados brancos pela Funai, mas atualmente estão em um processo de reivindicação de sua identidade étnica e de revitalização da cultura ancestral.

PORONOMINARÉ – O Dono da Terra.

O velho pajé Cauará saiu para pescar, demorando muito a voltar. A filha, preocupada, resolveu procurá-lo perto das águas mansas do rio.

Após muito andar, sentou-se na relva para descansar. Anoitecia, e a Lua surgiu atrás das montanhas, ficando a jovem a contemplá-la.

Subitamente, destacou-se do astro um vulto muito estranho que vinha em sua direção. A índia parecia hipnotizada, sendo em seguida tomada por profunda sonolência.

Nesse momento, o pajé, que havia retornado à aldeia, preocupou-se com a ausência da filha. Tomou, então, um pote com paricá, pó alucinógeno que, inalado, lhe despertava os poderes de pajé, entrando assim em transe. Muitas sombras desfilaram à sua frente e entre elas surgiu a silhueta de um homem que subia aos céus em direção à Lua. Aos poucos, outras imagens foram tomando formas humanas com cabeça de pássaro, anunciando ao pajé que sua filha estava numa ilha, não muito distante dali. Imediatamente, Cauará dirigiu-se ao local revelado, encontrando a moça, enfraquecida e faminta. Voltaram à aldeia.

Passados alguns dias, a jovem, recuperada, contou ao pai um sonho impressionante: no alto da montanha ela dava à luz uma criança muito clara, quase transparente. Não havia leite em seus seios, sendo o seu filhinho alimentado por uma revoada de beija-flores e borboletas. À sua volta, outros animais também se encantaram com o bebê, lambiam-no carinhosamente.

Algum tempo depois, a filha de Cauará notou que, embora virgem, esperava uma criança. O pajé, estranhando o fato, entrou novamente em transe. As alucinações lhe mostraram que o pai de seu neto era o homem que ele vira subir aos céus, em direção à Lua.

Numa madrugada em que os animais, as aves e os insetos pareciam agitados e felizes, nasceu, na serra de Jacamim, o neto do pajé, Poronominaré, o dono da terra. Ao ser informado do feliz acontecimento, Cauará seguiu até a montanha para conhecer o herdeiro. Surpreso, encontrou a criança com uma zarabatana nas mãos, indicando a cada animal o seu lugar na natureza. Ao cair da tarde, quando tudo já estava em pleno silêncio, ouviu-se uma cantiga feliz.

Era a mãe do dono da terra, que subia aos céus levada por pássaros e borboletas.

O que nos apresenta essa narrativa é uma união entre natureza e humano; onde a figura do pajé Cauará exerce o papel de intermediador entre natureza e civilização. Encontramos nele tradições míticas como a prática da pesca, o poder do pajé apresentado aqui com suas visões e alucinações.

Por relatar o nascimento de Poronominaré – o Dono da Terra - o fundador das civilizações, que nasce da relação de uma virgem humana (filha do pajé), com a “Lua” (ser sobrenatural), dizemos que é um Mito de Origem. A criança é alimentada e cuidada pelos animais da natureza e tem a “missão”, a capacidade, de ordenar a natureza, apontando a cada um o seu lugar; temos também uma citação ao ciclo natural da vida (vigília e sonho).

É interessante também o fato de essa criança ter nascido em uma montanha onde animais e natureza se sentem alegres com sua chegada. Sua mãe é chamada de “mãe do dono da terra”, e sobe aos céus levada por pássaros e borboletas.

Essa estrutura nos remete ao equilíbrio cósmico, narrativa bíblica do nascimento do Salvador, o Filho do Homem que nasce de uma virgem, por obra do Espírito Santo (figuras humana e divina – sobrenatural); nasce em uma manjedoura, junto aos animais e vem ao mundo com a missão de ordená-lo. Também a mulher é conhecida como “mãe do Filho de Deus” e é levada aos céus.

Os Kamayurá ou Camaiurá da Região Centro-Oeste do Brasil



Os mitos abaixo são Kamayurás, comunidade indígena que habita o Mato Grosso, na Região Centro-Oeste do Brasil, vivem no Parque Indígena do Xingu. Em 2002 eram 355 e sua língua pertence à da família Tupi-Guarani. Jamais se afastaram de sua área de ocupação, na região de confluência dos rios Kuluene e Kuliseu, próxima à grande lagoa de Ipavu, que significa, na língua deste povo, “água grande”.

Nos relatos Kamaiurá é possível distinguir três marcos de sua história: o tempo mítico, ocasião em que se deu a criação do homem; o tempo dos avós, no qual o índio ainda não tivera contato com o branco; o tempo presente, que compreende os

primeiros encontros com o branco até a época atual. Entretanto, o tempo presente traz em si a essência da visão de mundo tal como concebida no tempo mítico.

KUÁT E IAÊ – A Conquista do Dia

No princípio, só havia a noite. Os irmãos Kuát e Iaê – o Sol e a Lua – já haviam sido criados, mas não sabiam como conquistar o dia. Este pertencia a urubutsim (urubu-rei), o chefe dos pássaros.

Certo dia os irmãos elaboraram um plano para capturá-lo. Construíram um boneco de palha em forma de uma anta, onde depositaram detritos para a criação de algumas larvas.

Atendendo a seu pedido, as moscas voaram até as aves, anunciando o grande banquete que havia por lá, levando também a elas um pouco daquelas larvas, seu alimento preferido, para convencê-las. E tudo ocorreu conforme Kuát e Iaê haviam previsto.

Ao notarem a chegada de urubutsim, os irmãos agarraram-no pelos pés e o prenderam, exigindo que lhes entregasse o dia, em troca de sua liberdade. O prisioneiro resistiu por muito tempo, mas acabou cedendo. Urubutsim solicitou, então, ao amigo jacu que se enfeitasse com penas de araras vermelhas, canitar e brincos, voasse à aldeia dos pássaros e trouxesse o que os irmãos queriam.

Pouco tempo depois, descia o jacu com o dia, deixando atrás de si um magnífico rastro de luz, que aos poucos tudo iluminou. O chefe dos pássaros foi libertado e desde então, pela manhã, surge radiante o dia e, à tarde, vai se esvaindo, até o anoitecer.

Temos aqui um mito cosmogônico, apresentado por uma estrutura tríade composta pela Noite – princípio ativo, e os irmãos Kuát e Iaê – Sol e Lua, que criaram o dia. Aparece aqui a idéia de uma ordenação cósmica através da negociação dos deuses com o espírito da liberdade, destacando o canto dos pássaros e seus vôos somente à luz do dia. A figura do Rei dos Pássaros, nos remetem à idéia luciferana de um combate com os deuses. Podemos fazer aqui uma analogia do Urubu-Rei ao Falcão – deus egípcio; também à figura bíblica do Espírito Santo na figura de uma pomba.

Encontramos nesse relato figuras da natureza como a noite, o dia, a lua, os pássaros, que, assumindo características na linguagem, mítica, assumem um significado novo e determinante.

XINGU – a Formação das Tribos

Foi Mavutsinim quem tudo criou; fez as primeiras panelas de barro e as primeiras armas: a borduna, o arco preto, o arco branco e a espingarda.

Tomando quatro pedaços de tronco, resolveu criar as tribos Kamaiurá, Kuikuro, Waurá e Txucarramãe. Cada uma delas escolheu uma

arma, ficando a tribo Waurá com as panelas de barro. Mavutsinim pediu aos Kamaiurás que tomassem a espingarda, mas eles preferiram o arco preto. Os Kuikuros ficaram com o arco branco e os Txucarramães preferiram a borduna. A espingarda sobrou para os homens brancos.

A população aumentou em demasia e Mavutsinim resolveu separar os grupos. Mandou que os Txucarramães fossem para bem longe, pois eram muito bravos. Os homens brancos foram para as cidades, bem distantes das aldeias, pois tinham muitas doenças e com as armas de fogo viviam a ameaçar a vida dos outros grupos.

Dessa forma as tribos puderam viver em paz.

O mito aqui relatado é um Mito de Origem. É uma narrativa onde podemos encontrar tradições míticas uma vez que começa se referindo a Mavutsinim, figura mítica que é apresentada em outro mito como sendo o homem primordial, primeiro homem, que reina absoluto sobre todas as coisas. Sendo possuidor de poderes sobrenaturais, Mavutsinim cria todas as coisas: utensílios, artesanatos e armas; também é ele o responsável pela formação das tribos.

Notamos aqui uma “hierarquização” social, onde uma tribo se ocupa com trabalho, como a tribo Waurá que se dedica ao artesanato; outras com a segurança, em diferentes classes que eram determinadas por suas armas, sendo os Txucarramães os mais bravos e portando fica isolado dos demais.

Outra conotação importante aqui é a ocupação do homem branco que é considerado inimigo; traz consigo doenças, sofrimentos, discórdias. Somente com a saída do branco para as cidades é que as tribos vivem em paz.

6. Mitos Colombianos

Iremos analisar a seguir dois Mitos Colombianos, sendo um de Origem e outro Cosmogônico. *Los Indios Aprenden a Navegar y a Comer Tapurús*, Mito de Origem, é um Mito Taíra, uma comunidade indígena presente na região colombiana do Uaupês, na fronteira Noroeste do Brasil, Cara-de-Cachorro; são primitivos habitantes do departamento de Vaupés; *Bachué y El Origen Del Hombre*, Mito Cosmogônico, é Muísca, antigos habitantes do Altiplano de Bogotá, Colômbia; povo mais adiantado encontrado pelos espanhóis ao chegarem no atual território da Colômbia, destacando-se entre outras coisas, por sua excelente forma de trabalhar o ouro e os fios de algodão, também por seus artesanatos de barro e por seus trabalhos de exploração do sal nas famosas minas de Zipaquirá.

No início das duas narrativas podemos notar que os autores fazem uma compilação em verso, do tema de cada um dos mitos.

LOS INDIOS APRENDEN A NAVEGAR Y A COMER TAPURÚS

Mito Taira

*“Ya el mundo hecho estaba
y los hombres podían hacer todo:
casas, flechas, muchas cosas,
menos andar en el agua como el pato”.*

Cuando ya el mundo estaba creado, las gentes podían hacer de todo, menos moverse por el agua como los patos, que andaban hasta la mitad Del río y luego volvían a la orilla como si nada. Entonces, las personas iban todos los días al río para ver si podían caminar sobre al agua. Así estuvieron muchos años, pero no lograron nada.

En cierta ocasión, uno de los hijos de Tuhixaua decidió tomar un baño, y estando en esas se subió en un tronco. Al mover las manos, que estaban en el agua, el tronco empezó a moverse. Así siguió un buen rato hasta que llegó a la mitad Del río; pero le tocó regresar a la orilla, porque ya caía la noche. Entonces llegó al pueblo y contó lo que había hecho. Los demás le pidieron que les enseñara a caminar sobre al agua, como lo hacían los patos.

Así fue. Al otro día, la gente bajó al río, y el hijo de Tuhixaua se subió al tronco y empezó a remar, como había hecho la víspera. Los otros veían sorprendidos, felices, y lo saludaban: todos querían hacer lo mismo. Y así lo hicieron desde la mañana hasta el día siguiente. Entonces el hijo de Tuhixaua pensó que sería Bueno unir unos troncos con otros, para así poder caminar juntos por el río. Pocos días más tarde, ya tenían una barca hecha, se subieron en ella y echaron a “andar” por encima del agua, remando hasta llegar bien lejos.

Tomaron rumbo al mar y solo se detuvieron para almorzar, a eso Del mediodía. Luego continuaron su viaje, hasta perder de vista la tierra firme. Estaban tan contentos que no se dieron cuenta de que viajaban como flechas y de que cada vez iban más lejos. Tres días después comprendieron que se habían perdido y vieron que se les había acabado el alimento. Como ya no tenían que comer y estaban muy hambrientos, uno de ellos, que había visto tapurús gusanos de palmera entre las ataduras de los troncos, le echó mano a unos cuantos y se los comió. Los demás, al verlo, hicieron lo mismo, hasta quedas satisfechos. Desde entonces, todos los hombres comen tapurús.

Nesse mito, os versos nos apresentam um mundo já pronto onde os homens podiam fazer quase tudo, menos andar sobre as águas, que é a conquista narrada no referido mito.

Analisando esse mito, podemos descrevê-lo como sendo de origem, com uma função explicativa, com seus efeitos permanecendo até os dias de hoje. Nele temos o relato da origem da navegação, com a particularidade de se referir ao mar, rumo tomado pelos índios em sua primeira embarcação. Notamos também a presença da união do divino com o homem, uma vez que o filho de Tuhixaua, divindade do rio, descobre a maneira de se “andar” por sobre as água, como faziam os patos, descobrindo também a maneira de construir a primeira embarcação. O resultado dessa descoberta leva ao progresso que traz consigo a noção de sobrevivência, donde se descobre a maneira de se comer tapurus.

BACHUÉ Y EL ORIGEN DEL HOMBRE

Mito Muisca

*“Bachué de las aguas dormidas salió;
de la mano un niño chiquito sacó.
Los dos de Iguaque al Valle bajaron;
Y tiempo después se casaron”.*

Hace muchos años, cuando aún no habia hombres, casi toda la Tierra estava bajo lãs aguas, inclusive el territorio Del que seria al país de los muiscas. Existían, al norte, dos grandes lagos: el Tinjacá y el Hunza, en medio de los cuales, en lo alto de una serrania, se encontraba – todavía se encuentra – lka bella laguna de Iguaque.

Um dia lãs águas de la laguna, azotada constantemente por los vientos Del páramo, empezaron a temblar, creando una serie de ondas que iban Del centro hacia la orilla. El temblor fue aumentando hasta que, en medio de una gran cantidad de burbujas que emergían del fondo, apareció una hermosa mujer con el torso desnudo, que llevaba en sus manos un pequeño niño, como de tres años: era Bachué, la madre de todos los hombres.

Bachué y el niño salieron de la laguna, mientras lãs aguas se abrían a su paso. Ya en tierra, ella se dedicó a buscar un lugar seguro, donde pudiera vivir tranquila. Entoces pensó que lo mejor era bajar de la sierra hacia el valle, en donde se encuentra el pueblo de Iguaque, pues el clima era menos duro allí. Se puso en camino y una vez en la llanura eligió un bello paraje, con muchos árboles, aguas y tierras fértiles, para hacer su refugio. Entoces, acomodó al niño en el suelo y se puso a construir. Cuando la casa estuvo lista, entró en ella con el niño y

se echó a dormir. A partir del siguiente día, y por muchos días y años más, Bachué se consagró al cuidado del pequeño.

Llegó el día en que este se hizo hombre, y entonces se casó con Bachué. Su matrimonio fue feliz y prolífico, pues en cada parto nacían entre cuatro y seis hijos. Poco a poco la Tierra se fue poblando, pues los esposos iban de comarca, de loma en loma, de valle en valle, fundando pueblos y dejando en cada uno de ellos.

Después de muchos años, cuando Bachué y su esposos ya estaban vijos, vieron que había mucha gente y muchos pueblos en la Tierra; entonces resolvieron regresar al sitio de donde habían venido. La pareja, tomada de la mano, emprendió el camino hacia Iguaque; el pueblo, entristecido por su partida, iba detrás. Al llegar a la laguna, bachué se dirigió a todos y les dijo que debían mantenerse en paz, respetar las leyes y rendir culto a los dioses. En medio de las lágrimas se despidió, tomó de nuevo la mano de su marido y caminó con él hacia la orilla de la laguna. No bien hubieron tocado las aguas con sus pies, ambos se convirtieron en grandes serpientes que rápidamente se perdieron en las profundidades y nunca más volvieron a aparecer por esos parajes. Sin embargo, se decía que Bachué a veces se presentaba ante los indios que la invocaban para pedirle auxilio y para agradecerle los favores que habían recibido de ella.

Já neste mito, a compilação em versos nos relata que Bachué emerge das águas com um pequeno menino, depois se casam.

A narrativa desse mito traz o reforço de um mito cosmogônico. Percebemos a tríade inicial das águas primordiais de onde emerge Bachué, a mulher, que é a segunda peça dessa tríade, e por fim a criança, o homem.

No princípio quase toda a terra estava imersa nas águas (primordiais), e da Lagoa de Iguaque, surge a mãe de todos os homens, Bachué. Podemos fazer aqui uma analogia a Bíblia, no relato da criação, "...a terra estava sem forma e vazia... Deus disse: que haja a luz!... façamos o homem... sejam fecundos e multipliquem-se... Deus terminou todo o seu trabalho... e descansou de todo o trabalho..." Cf.Gn1,1-31 2,1-4^a.

Também encontramos características do mito de origem; a primazia da mulher onde a mãe de todos os homens povoa toda a terra fazendo nascer as civilizações, colonização. É essa mulher, que tudo cria que também ensina as leis e os cultos aos deuses e retorna às origens, ao lado seu esposo.

7. Conclusão

Durante o estudo sobre os mitos podemos notar que eles dependem de valores, princípios das comunidades, bem como de suas características naturais, espaço geográfico, etc. Conhecemos mitos que tratam de mudanças cósmicas ocorridas ao término do tempo primordial anterior à existência humana e das quais surgiram condições favoráveis à formação de um mundo habitável; outros tantos que tratam de transformações e inovações, como exemplo, a descoberta do fogo, da agricultura, da navegação que estão sempre ligados à mitos de grandes fundadores culturais. É freqüente também nos mitos transformações temporárias ou definitivas de seus personagens onde humanos se transformam em animais, plantas, água, rocha, etc...

O papel dos Mitos é extremamente importante na constituição da cultura, independentemente de sua origem ou pertencimento a um povo; o mito contribui com o desenvolvimento individual e coletivo e também permite que tomemos consciência sobre a vida instintiva, possibilitando a capacidade de gerar comportamentos que garantem a evolução psicossocial; é uma atitude criativa perante a vida onde, como diz Joseph Campbell, "... aquilo que os seres humanos têm em comum revela-se nos mitos. Eles são histórias da nossa vida, da nossa busca da verdade, da busca do sentido de estarmos vivos. Os mitos são potencialidades espirituais da vida humana,...".

BIBLIOGRAFIA:

- BÍBLIA Sagrada, Edição Pastoral. Paulus, 1990.
CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. Ed. Ática, SP, 1994.
ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1963.
LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. 1. ed. Lisboa: Edição 70, 2000.
RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. *Seminário sobre a Filosofia dos Mitos Indígenas*. Juiz de Fora: UFJF, 2004.